

SERTÃO MONTES CLAROS: DISTRITOS

Atendendo convite dos organizadores da **III Expedição Caminhos dos Geraes**, participamos do roteiro **Sertão Montes Claros**, onde percorremos todas as dez sedes distritais e mais de uma dezena de pequenas comunidades, vilas e povoados que formam o grande município de Montes Claros. A intenção em criar este roteiro teve como um de seus objetivos prestarmos uma justa e oportuna homenagem a Montes Claros no ano de seu sesquicentenário, sem, contudo, esquecermos do social.

Manhã de 15 de novembro – um dia dedicado à Proclamação da República – iniciava a nossa marcha. Na medida em que ganhávamos o estirão da estrada, a euforia que contaminava cada um de nós participantes foi aos poucos sendo substituída pela tristeza quando verificávamos com pesar o

quadro de desolação que complementava a sofrida paisagem agreste de nossa terra. Além da poeira que ficava pelas sinuosas veredas, notávamos ainda uma quantidade enorme de criação morta, todas elas vítimas da inclemente seca. Não muito distante uma das outras, essas criações logo apareciam aqui ou acolá, inertes pelas ribanceiras dos caminhos, sendo consumidas pelo apetite voraz dos urubus. O ar estava impregnado pelo fétido cheiro de podridão. Estima-se a morte de mais de cinco mil cabeças de gado.

Certamente que outros viveres de nossa biota vieram também a falecer sedentos pela falta d'água. Entretanto, as preposições da **III Expedição Caminhos dos Geraes**, haverão de ser absorvidas com interesse pela administração pública no sentido de corrigir os abusos que somente prejudicam a natureza existente.



Foto: Marta Verônica

Hoje os rios e os córregos estão secos. Por isso a falta de água continua sendo o grande dilema de toda a população. Temos que reconhecer que esse quadro desolador agravou-se muito nesses últimos anos, devido ao assoreamento dos rios, com desmatamento de suas matas ciliares, o que reduz o volume de água nas suas nascentes provocando-lhes a morte. É bem verdade que outros problemas sociais existem, mas este é o que mais incentiva o êxodo rural de nossa região. Também não é menos certo que esta cadeia de irregularidades vem contribuindo para o crescimento desordenado das periferias de nossa cidade, gerando ali uma onda de violência urbana devastadora e, conseqüentemente proliferando a prostituição infantil e o uso indiscriminado de drogas pelos jovens em todos os lugares imagináveis.

Numa observação do naturalista Fernando Gabeira, disse-nos ele que: "... a ocupação desordenada das margens provoca assoreamento dos rios. Sem a vegetação, a erosão acaba levando grande quantidade de sedimentos para os corpos hídricos, além do lixo e do esgoto jogados por moradores". Em vista disso, os jovens deveriam saber como criar uma civilização que funcione com energia solar, que conserve a nossa tímida biodiversidade, que proteja os solos e as florestas, que desenvolva empreendimentos locais sustentáveis e que reparem os estragos infligidos ao planeta Terra.

Portanto, esta é a razão pela qual a **III Expedição Caminhos dos Geraes** percorreu as sedes dos nossos distritos e todas as comunidades. Não obstante os propósitos de um esclarecimento mais aprofundado sobre a matéria, num primeiro momento foram catalogadas importantes informações, todas elas necessárias para fixar o homem no campo. Por conseguinte: Saber da existência da seca e conhecer as suas causas e conseqüências ainda são os melhores caminhos para revertermos esse quadro de desolação que agora incomoda a todos nós. De igual modo, o passo seguinte é implantarmos programas de preservação

ambiental da biodiversidade local, com a correção dos solos e das águas, sem dispensarmos sequer a valiosa colaboração direta e indireta de todas as pessoas das comunidades.

Depois de percorrermos alguns quilômetros de estradas de terra batida, a equipe do roteiro *Sertão Montes Claros da III Expedição "Caminhos dos Geraes"* chegou, finalmente, no distrito de Ermidinha. O cansaço já iniciava dominar os expedicionários mais velhos, enquanto outros ainda mostravam-se inquietos na busca de novidades. A população curiosa se achegava sorrateiramente trazendo sorrisos nos lábios na esperança de ouvir algo alvissareiro em benefício da comunidade. Era a seca que amedrontava a todos. Rezas, promessas e penitências já não resolviam para amolecer o coração de São Pedro. Talvez naquela caravana de "loucos" pudesse haver notícias verdadeiras de quando as chuvas chegassem.

Era hora de entender a origem de Ermidinha. Não resta dúvida, porém, que, apesar da diversidade na narrativa da história, seja ela feita em duas ou mais partes, ou com a jovem Ângela Pereira que nos disse haver, em tempos remotos, uma mulher de nome Ermídia, tendo ela uma estátua pequena fora apelidada de Ermidinha, que morava num sobrado. Caminhamos juntos até o local, onde morava a dita mulher Ermídia. Era uma pequena construção de pedra, pintada a cal, e com um cruzeiro posto no meio e que se chamava sobrado. Pode dizer-se que, a jovem Ângela apenas repassava o que ouvira falar os seus antepassados. Mas havia sinais de que ali seria ruínas de alguma construção.

Seguindo no mesmo raciocínio lendário, encontramos a seguinte afirmativa no trabalho de pesquisa elaborado por Reínice Rodrigues: "Havia uma fazenda que pertencia a Dona Calu. Certa vez ali chegou um viajante pedindo abrigo. À noite, quando todos dormiam, Dona Calu levantou-se para beber água e viu que o saco que o viajante tinha colocado no canto da sala estava mexendo. Curiosa, Dona Calu abriu o saco e

encontrou uma pequena imagem de Santo Antônio. Encantada com a imagem, ela escondeu o Santo Antônio, substituindo-a por uma rapadura. O marido de Dona Calu então mandou construir uma capela para abrigar a imagem". As duas versões são, evidentemente, lendas, mas não podem ser desprezadas. No aprendizado escolar elas deverão ser lembradas e repetidas tantas quantas vezes forem necessárias para a consolidação da história local.

Por outro lado, sabemos que Ermidinha é o diminutivo de ermida, que por sua vez já é uma pequena capela. Entretanto, o nome ermida era utilizado, e ainda o é, somente para denominar pequenas capelas que ficavam fora da zona urbana, geralmente em lugares ermos e de acesso absolutamente restritos. Já o sobrado que se refere a jovem Ângela, certamente era ele uma dessas ermidas que foram erigidas em devoção à Santo Antônio em tempos muito remotos. É óbvio que a existência de Dona Ermídia e de Dona Calu, enriquece, e muito, a tradição popular sobre a origem da vila, que teve a sua fundação em treze de julho de

1892, data em que foi celebrada missa pelo então vigário Manoel Calado.

Com a doação de terras feita pelo fazendeiro Manoel Gomes no ano de 1898, iniciou-se a construção da Igreja que abrigaria a imagem de Santo Antônio. Durante alguns séculos, era comum enfiar os peribolos das Igrejas ou Cruzeiro. O distrito de Ermidinha não foi diferente

Pois bem, continuamos a com a nossa jornada na III Expedição Caminhos dos Geraes seguindo, por orientação da Comissão Organizadora, o Roteiro Sertão Montes Claros. Depois de presenciarmos a destruição causada pela inclemente seca que ainda assola a região, o que resulto numa mortandade expressiva de várias criações, esbarramos em um outro problema, também merecedor de registro. Desta vez fomos surpreendidos com a demolição das velhas Igrejas o que constitui, sem dúvida, crime contra o patrimônio público.

Em todos os povoados, geralmente a edificação que mais se destaca das outras é a Igrejinha da Praça Central. Podia ser ela uma capelinha ou mesmo uma simples casa de



Foto: Marta Verônica

orações, mas todas sendo utilizadas para as práticas religiosas assim como quer a doutrina divina. Por isso elas “eram o centro da vida comunitária: seus sinos chamavam para as funções religiosas, comunicavam nascimentos, casamentos e enterros, até mesmo anunciavam as horas do dia (...) ali recebidos visitantes ilustres, celebrados atos litúrgicos em ação de graças, e em suas dependências ocorriam os sepultamentos das pessoas gratas do lugar”.

O importante, portanto, é que não podemos deixar de reconhecer que o perverso costume de demolir as velhas capelinhas ainda permanece entre os habitantes de quase todos os distritos, o que facilita a descaracterização dos templos religiosos e, também, de outros imóveis antigos. Este é um procedimento que somente empobrece o patrimônio cultural das localidades, uma vez que as Igrejas centenárias trazem consigo as características de uma arquitetura medieval – como é o caso de São João da Vereda – e são reformadas sem observar o que determina a Lei de Ação Popular 4.717, de 29 de junho de 1965.

A capela da comunidade de Morro Vermelho, foi erigida em homenagem a São Pedro e São Paulo, é a que nos parece a mais original, pois ainda conserva uma fachada harmônica, tendo nos eu alto uma torre feita em madeira, muito bonita, o que impressiona, sobremaneira, o visitante. Como a maioria dos nossos monumentos históricos são as Igrejas, seria importante que as nossas comunidades despertassem para preservá-las da ação do tempo e do descaso político. Que as autoridades utilizassem essa influência juntamente com o poder da própria Igreja para ajudar no processo de conscientização popular e assim consolidar preservação da história cultural de cada comunidade

Não nos anima, por certo, a intenção das reformas. Em Aparecida do Mundo Novo, segundo depoimento do senhor Casimiro Gusmão, morador da fazenda Esperança, antiga Igreja de Nossa Senhora Aparecida foi demolida para a construção de outra mais moderna. Acontece que esses procedimentos apenas prejudicam as perquirições históricas, pois a demolição de velhos prédios destrói também muitos anos

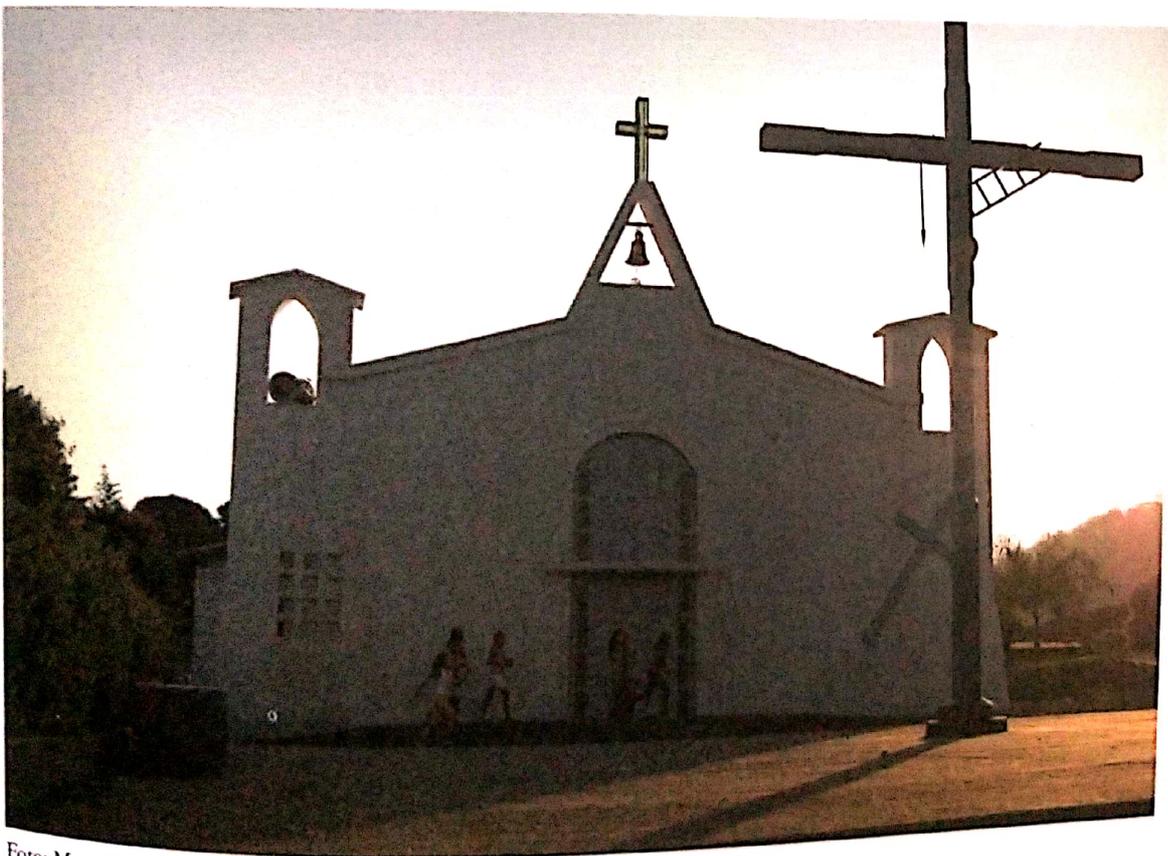


Foto: Marta Verônica

da história. Outro exemplo dessa mesma natureza está acontecendo agora no povoado da Pedra Preta. A sua antiga capelinha está sendo engolida, literalmente, por uma construção.

Quando adentrarmos no distrito de Barreiros, percebemos que sua Igreja ainda guarda o velho sino de bronze. Também o uso do Cruzeiro em frente às Igrejas é notado sistematicamente o que concita a entendermos que os costumes e as tradições religiosas ainda continuam latentes em todos os lugares. Não obstante a falta de tempo, mesmo assim conseguimos resgatar um

pouco da história local de cada distrito nos inúmeros depoimentos que colhemos.

De todos os templos que visitamos, as ruínas de uma capelinha existente na comunidade de Ermidinha existiu na comunidade de Ermidinha chamou muito à atenção. Ouvimos histórias interessantes a respeito desta construção, entretanto, esses relatos serão narrados em crônica própria em vista de sua grande importância. Em suma, a III Expedição Caminhos dos Geraes cumpriu religiosamente os seus objetivos, dando-nos a oportunidade de conhecermos de perto as potencialidades e as deficiências de cada região.



Foto: Marta Verônica